

Globalização e as teologias da Libertação e do Pluralismo Religioso*

Globalization and the theologies of Liberation and Religious Pluralism

Paulo Agostinho Nogueira Baptista**

Resumo

A "globalização" é um fenômeno desafiante. É um conceito que apresenta diversas significações e utilizações. Há certa imprecisão conceitual sobre a "globalização", especialmente no campo teológico, encontrando-se outras categorias que também são utilizadas com a intenção de representá-la: "mundialização" e "internacionalização". A complexidade dessas realidades faz surgir ainda conceitos como "globalidade" e "globalismo". Como compreender esses fenômenos, suas dimensões e todas essas terminologias? E como alguns teólogos têm se apropriado dessa realidade? Este artigo discute e define esses diversos conceitos, amparando-se em alguns autores das Ciências Sociais, e explicita e justifica a razão de se trabalhar com a categoria "Globalização" no campo teológico. Mas a intenção principal deste texto é verificar o impacto desse fenômeno e a reação a ele nas teologias da Libertação e do Pluralismo Religioso, especialmente diante da realidade da pobreza e do pluralismo religioso. A conclusão aponta, brevemente, para a articulação entre essas duas teologias de forma a dar outro enfoque à "globalização" e contribuir para a superação dos principais desafios contemporâneos gerados por ela.

Palavras-chave: Globalização; Mundialização; Internacionalização; Globalismo; Teologia da libertação; Teologia do pluralismo religioso.

Do ponto de vista ocidental, a primeira e mais significativa transformação produzida na organização "dos símbolos fundamentais de representação do mundo", acontece na Grécia do século VI a. C. Ela ocorre quando o *logos* passa a

* Texto recebido em agosto/2006 e aprovado para publicação em outubro/2006.

† Este tema foi apresentado como Comunicação no VII Simpósio Nacional da ABHR, Belo Horizonte, maio de 2005. O presente artigo atualiza o tema e aproveita parte do texto publicado em meio magnético (CD), nos Anais do Simpósio.

** Coordenador e professor de Cultura Religiosa na PUC Minas; mestre e doutorando em Ciência da Religião pela UFJF. e-mail: pagostin@gmail.com

regular o “sistema simbólico da sociedade” e se expressa na “percepção e na consciência do tempo” (VAZ, 2002, p. 13). Surge a idéia de “presente” e se pode comparar criticamente um “antes” e afirmar, com base na razão, um “depois”. Estamos, segundo Vaz, na inauguração da consciência “moderna” e esse fenômeno produz um momento qualitativamente novo na história (VAZ, 2002, p. 13).

De lá para cá, as transformações não pararam e ganharam enorme dimensão, especialmente, com o advento da “modernidade moderna”¹ (VAZ, 1991, p. 154) e de toda a sorte de mudanças na compreensão do ser humano, do mundo, dos espaços planetários, da comunicação, enfim, com despontar de um novo paradigma civilizacional.

Hoje, ouve-se ainda a expressão: “O mundo não é mais o mesmo!”. Evidentemente, nunca o foi, ele sempre esteve em transformação, a despeito da clássica polêmica heraclítico-parmenidiana sobre o devir e a permanência, ou das apropriações diversas desta questão por Platão e Aristóteles. Mas essa frase é incansavelmente repetida no cotidiano das pessoas, especialmente das mais idosas. Há a consciência de que as mudanças e transformações quase atropelam a percepção, em razão de sua velocidade. Mas além dessa sensação estar baseada na categoria “tempo”, na sensação de uma aceleração do tempo, esse processo acontece também porque o “espaço” ficou maior, ganhou uma dimensão universal. O “mundo se ampliou” e, paradoxalmente, ficou pequeno. A comunicação liga tudo a todos, o tempo todo e em todos os lugares. O estoque de informações e sua amplitude cresceram a ponto de não ser possível acompanhar essa diversidade e complexidade. Tudo mudou de escala. No dizer de Manfredo Oliveira, “aprofundou-se a mundialização dos problemas” (OLIVEIRA, 2003, p. 273), mas, também, poder-se-ia dizer que houve a “mundialização” dos horizontes. Ulrich Beck chama a isto de “globalidade”, dizendo que “já vivemos há tempos em uma sociedade mundial, ao menos no sentido de que a idéia de espaços isolados se tornou fictícia” (BECK, 1999, p. 29-30).

Algumas categorias como “mundialização” e “globalização” procuram oferecer luz para a compreensão das atuais transformações. Porém, tornam-se tão repetidas, em razão da rápida divulgação que têm pelas mídias, que são tomadas de forma sumária, imprecisa, não se fazendo as distinções necessárias. É importante, inicialmente, esclarecer esses conceitos para sua adequada compreensão e também sua utilização na perspectiva teológica da Teologia da Libertação (TdL) e da Teologia do Pluralismo Religioso (TdPR), tendo como referência o impacto que a realidade que representam propiciou e tem propiciado e as reações que gera.

¹ Pe. Vaz usará, posteriormente, outra expressão para designar essa modernidade: “modernidade pós-cristã” (cf. VAZ, 1997, p. 235).

Globalização: conceito e fenômeno

O fenômeno da globalização tem gerado vasta produção acadêmica. Como toda categoria, ela sofre o teste do debate e do desgaste de seu uso. Sendo uma realidade complexa, apesar de não ser nova, antigos e novos conceitos se entrecruzam com essa categoria e é preciso esclarecer e explicitar seu uso, especialmente quando ela transita para outros campos como, por exemplo, pela teologia.

Globalização é uma categoria muito ampla, plural e que pode ser analisada sob os mais diversos matizes: “o conceito em si resulta polivalente e, com frequência, ambivalente pelos muitos significados que se ocultam” (PACE, 1999, p. 25). Esse conceito pode oferecer uma enormidade de perspectivas, de posições teóricas e de abordagens conflitivas. Para Otávio Velho, pode-se perceber que há “entre os antropólogos grande resistência” a considerar a globalização como “evento histórico, suscetível de ser tratado como objeto de investigação” (VELHO, 1999, p. 43).

Palavras como “mundialização”, “internacionalização”, “globalidade” e “globalismo” gravitam no espaço da categoria globalização. Eventualmente, são usadas como sinônimos desse fenômeno, demonstrando falta de rigor e sendo motivo de impropriedade semântica.

Primeiramente, é importante observar que há certo “regionalismo” no uso de globalização ao procurar identificar determinado conjunto de transformações mundiais. Na França utiliza-se mais a expressão “mundialização” e em países de língua inglesa e também na Alemanha prefere-se globalização. Entre os autores de teologia essa preferência também aparece variadamente: Leonardo Boff utilizou, inicialmente e com mais frequência, a palavra mundialização (ultimamente faz uso de globalização), ao contrário de Libanio e Comblin, que preferiram usar globalização. Mas será que esses conceitos podem ser compreendidos como sinônimos? Ou que matizes podem ser destacados nesses conceitos para que sejam compreendidos e para que haja compreensão da realidade?

Um quadro inicial, explicativo e comparativo dessas categorias, sem entrar em longa discussão teórica, seja no campo da sociologia ou antropologia, é importante. Optou-se por apresentar as posições de alguns autores que tratam dessa temática como Boaventura Sousa Santos, Antony Giddens, Ulrich Beck, Enzo Pace e outros.

Dentre as abordagens sobre esse tema, é também significativa a discussão realizada por Luiz Eduardo Wanderley,² em texto apresentado e publicado em São Paulo, no Congresso da Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – em 2003. Será importante acompanhar os desdobramentos que ele faz desses conceitos. Como o objetivo é a utilização da categoria globalização na perspectiva teológica, também a posição de alguns teólogos será significativa e necessária.

Wanderley define mundialização como sendo “um processo de aumento gradativo de relações, contatos e fluxos que se estabelecem entre povos os mais variados, ocupando regiões dispersas do mundo, nos campos econômico, político, cultural e religioso. Desde sempre esse processo foi tenso, repleto de tensões e conflitos” (WANDERLEY, 2003, p. 211). Nesse sentido, a mundialização faz parte da história humana e civilizacional, e no Ocidente traz as marcas das tradições greco-romanas e judaico-cristãs. Em nível religioso, pode-se perceber através da história do Islã e do Cristianismo essa perspectiva de mundialização: sempre tiveram como projeto sua expansão por todos os cantos conhecidos. No caso do Cristianismo, não é outro o mandato missionário que o próprio Evangelho propõe: “ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”.³

A mundialização compreende tanto os fenômenos da internacionalização quanto da globalização: “utilizo mundialização numa concepção que compreende esse movimento histórico multissecular [...] E dentro desse movimento, redesenhando sua estrutura básica, os movimentos de internacionalização e globalização, os quais abarcam tempos e espaços específicos [...] panoramas históricos bem diferenciados” (WANDERLEY, 2003, p. 213). Para Wanderley e diversos autores, esse processo teve sua “instalação” com o “advento do capitalismo”.

Se a mundialização sempre existiu, por conta da ampliação das relações humanas, pelo incremento dos fluxos e contatos entre povos e depois nações, esse processo se acelerou enormemente no século XX. Nesse novo cenário vive-se a percepção da globalidade (“a idéia de espaços isolados se tornou fictícia”, de Beck) como um processo irreversível, ainda mais se for analisada a dinâmica mundial que a propicia: o incremento do comércio entre os países e a internacionalização dos mercados; a crescente comunicação e sua tecnologia interligando tudo e todos; a consciência crescente de direitos e da cidadania, exigindo democracia; a padronização cultural; a nova configuração da política

² Luiz Eduardo Wanderley fez seu pós-doutorado em Ciências Sociais na École des Hautes Études, em Paris. Coordena o Núcleo de Relações Latino-americanas, no Programa de Estudos de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC SP.

³ Evangelho de Marcos 16,15.

mundial (“pós-internacional e policêntrica”) num arranjo com “atores transnacionais” (empresas, uniões nacionais, ONGs); o problema da pobreza crescente em esfera mundial; a grave questão ecológica; e “conflitos transculturais localizados” (WANDERLEY, 2003, p. 233; BECK, 1999, p. 30-31).

Já a categoria internacionalização é entendida como sendo um processo “endógeno” ou “exógeno”, portanto, atinge a dinâmica interna ou externa que acontece substancialmente nos Estados e entre Estados e entidades que transcendem aos Estados, especialmente, com o surgimento da sociedade capitalista. Pode ser caracterizado, então, pela

intensificação gradual ou acelerada das relações, contatos e fluxos, de toda natureza, que se estabeleceram entre os Estados-nação, após o surgimento e legitimação do Estado moderno, potencializado pelo avanço do capitalismo. E, num segundo momento, pelo próprio socialismo. [...] A internacionalização pode ser entendida como o conjunto de relações intrastatais, interestatais e com o surgimento de instâncias supranacionais nas quais as decisões são tomadas fora do âmbito nacional [...]. (WANDERLEY, 2003, p. 213)

Um exemplo da internacionalização pode ser tirado do conjunto de entidades mundiais como a ONU, OIT, UNICEF, OMS, FAO etc. Seu período forte foi a época do “imperialismo”. Também no pós-guerra (2ª. Grande guerra) surge uma visão “internacionalizada” que pode exemplificar bem essa realidade: a concepção desenvolvimentista. Essa concepção ensejou o aparecimento de interpretações originais do fenômeno, sobretudo quanto às suas conseqüências para o 3º. Mundo. Na América Latina, a análise desse processo de internacionalização, propiciou o surgimento de uma importante teoria: a teoria da dependência. A Teologia da Libertação se utilizará dessa análise da realidade como momento significativo de seu método teológico. Pode-se mencionar ainda, no campo eclesial, a formação das Conferências regionais (CELAM) e os problemas que a centralização dos últimos pontificados tem provocado (“A volta à grande disciplina” (LIBANIO, 1983), as crises geradas pelos Sínodos Continentais), revelando a tensão entre as dimensões nacionalização-regionalismo e internacionalização.

Uma primeira conclusão: mundialização seria o processo de crescimento gradativo das relações entre povos, num sentido bem amplo e de diversas dimensões, englobando a internacionalização e a globalização. É um conceito que revela grande amplitude e que sempre se fez presente na história humana, acentuando-se muito nos últimos cinco séculos. Na internacionalização entram os “estados-nação” e um conjunto de relações que podem se dar dentro dos estados

e entre estados, com o aparecimento ou o crescimento do poder de “instâncias supranacionais” comandadas fora do “âmbito nacional”, tanto seculares (ONU, UNESCO etc.) como religiosas (Opus Dei, Comunhão e Libertação, as diversas instâncias da Cúria Romana, o Conselho Mundial de Igrejas etc.). A internacionalização, portanto, é um fenômeno tipicamente moderno e que surge com o incremento da mundialização e com o advento do capitalismo.

Mas a polêmica maior, na compreensão desses fenômenos, refere-se ao conceito de globalização, pois ele é tomado como sinônimo de mundialização, como fenômeno inserido nele, ou ainda com uma indefinição e imprecisão conceitual.⁴ Uma conclusão crítica, a partir das posições de Wanderley, indica que a globalização é um fenômeno decorrente dos processos gerados pelas realidades históricas da mundialização e internacionalização. A interpenetração das diversas instâncias da realidade, sua complexidade e velocidade de transformação, ocasionaram nova configuração que é chamada de globalização.

Ricardo Petrella, doutor em economia, Conselheiro da Comissão Europeia, professor em Louvain, na Bélgica, é um exemplo de abordagem desse fenômeno, só que utilizando a categoria mundialização, não no sentido visto acima, mas como sinônimo de globalização, em sua diversidade de aspectos: econômicos, políticos, sociais e culturais. Ele apresenta três definições de mundialização. A primeira diz respeito aos fenômenos de produção, distribuição e consumo de bens e serviços, organizados em bases mundiais; a regulamentação desses mercados; a extensão do processo à cultura; sem territorialidade jurídica, econômica e tecnológica, articulando-se como rede. A segunda definição, mais precisa, fala de

um conjunto de princípios ideológicos, de conceitos teóricos e de instituições e mecanismos (OMC, FMI, Banco Mundial), fundado sobre a primazia de três poderes: o poder do MERCADO [dispositivo principal para regulação e alocação de recursos locais e mundiais]; o poder da EMPRESA [primeiro ator social, responsável pela satisfação social e econômica]; o poder do CAPITAL [parâmetro de valor, tendo o objetivo primeiro maximizar o lucro]. (PETRELLA, 2002, p. 12)

A última definição de Petrella mostra a idéia de que a mundialização é “a narração do mundo e da sociedade hoje dominante, desenvolvida e difundida por uma nova classe tecnocientífico-capitalista mundial [...]” (PETRELLA, 2002, p. 13). Isso acontece a partir de 1970, tornando essa classe proprietária

⁴ É o caso do artigo de Etienne Perrot que começa demonstrando alguma definição (“Mundialização + Homogeneização = Globalização”), mas ele critica essa equação chamando-a de “simplicidade falaciosa” e usa ora “mundialização” ora “globalização” como equivalentes, sem deixar claro para o leitor sua extensão e significado (cf. PERROT, 2001, p. 14-23).

“dos saberes e dos meios de poder financeiros” em razão de quatro fatores que se articulam: “a tecnocientificação e a desmaterialização da economia e da condição humana” (crescimento da informação e dos meios de comunicação que propiciaram a financeirização da economia); “a crise da saturação da economia ocidental”; a “perda de credibilidade política do socialismo”; e a “descolonização fracassada” (PETRELLA, 2002, p. 13-4). Pode-se dizer que ele concebe esse fenômeno em três grandes dimensões que se articulam: econômica, político-ideológica e cultural.

A realidade que é denominada de globalização é complexa, como o seu conceito (Pace), e em torno dela há verdadeiro dissenso, fazendo surgir “as controvérsias [...] mais acentuadas” (WANDERLEY, 2003, p. 226). Diversos autores importantes nesse campo confirmam essa avaliação. Sobre a globalização, Boaventura Sousa Santos diz que é melhor “pensá-la no plural” e aponta para as suas quatro dimensões: econômica, social, política e cultural (SANTOS, 2002, p. 35-71). Esse fenômeno, segundo Giddens “não é, portanto, um processo singular, mas um conjunto complexo de processos. E estes operam de uma maneira contraditória e antagônica.” (GIDDENS, 2002, p. 23). Pace a compreende de forma polivalente, ambivalente e que pode ser definida objetivamente (“progressiva independência das diferentes sociedades humanas espalhadas pelo planeta”) ou subjetivamente (“afirmação de uma nova consciência global, planetária, nos indivíduos e sociedades de nosso tempo”), (PACE, 1999, p. 25). Beck discute essa realidade pensando na “globalização e os problemas do globalismo” (cf. BECK, 1999, p. 27-31), com a visão de que globalização significa “os processos, em cujo andamento os Estados nacionais vêem a sua soberania, sua identidade, suas redes de comunicação, suas chances de poder e suas orientações sofrerem a interferência cruzada de atores transnacionais” (WANDERLEY, 2003, p. 232). E Edgar Morin vê a globalização atual como resultado do processo que produziu a “conquista das Américas” e a expansão e a dominação da Europa “sobre o planeta”. Ele fala em duas globalizações – comunicação e complexidade – e essas realidades se implicam mutuamente (MORIN, 2002, p. 39-59).

A idéia de globalizações, portanto, no plural e com enorme complexidade e com interfaces que se relacionam mutuamente, parece ser consenso entre diversos autores e abre perspectivas de se compreender esse fenômeno em suas diversas dimensões: econômica, social, política, cultural e religiosa, e também objetiva e subjetivamente. Para a sua utilização na teologia – inteligência da fé que se articula com a vida e toda a realidade – essa visão plural ajuda e mostra como as teologias destacam mais um ou outro aspecto, dependendo da temática, do objeto ou do contexto abordado.

Torna-se necessário, para se compreender a globalização, uma breve explicitação das suas dimensões. Começando pela econômica, pode-se sintetizá-la através do processo “neoliberal” que produz a desregulamentação da economia, privatizações e todos os ajustes exigidos pela lógica do “estado mínimo” e do controle privado sobre o estado.⁵ É, sem dúvida, a dimensão mais significativa da globalização por ser aquela que promove uma mudança estrutural, afetando todas as outras dimensões. Ela expressa uma nova forma de organização e de acumulação do capital, da estrutura capitalista. Manfredo Oliveira destaca esse aspecto, especialmente, analisando-o a partir das vítimas desse processo: as populações do terceiro mundo, cada vez mais empobrecidas e excluídas. Para ele a globalização significa:

uma nova forma de acumulação e de regulação do capital, que agora se constitui, em sentido pleno, como “sistema mundial”, com uma capacidade de ação cada vez mais independente em relação aos estados nacionais, o que se visibilizou, em primeiro lugar, pela internacionalização dos fluxos financeiros, possibilitando a interpretação da globalização como uma dinâmica voltada para a valorização do dinheiro, já que o capitalismo transformou-se em um processo autonomizado do dinheiro e das finanças, paralelo à geração de renda pela produção [...] o mercado mundial do capital mundial se estabelece para além dos sistemas nacionais de regulação. [...] de tal modo que a valorização do dinheiro se faz a grande meta de todas as decisões econômicas, sociais, políticas e ecológicas [...]. (OLIVEIRA, 2001, p. 89-90)

Na perspectiva “social”, a globalização é dinamizada por uma “aliança tripartite”: “empresas multinacionais, com hegemonia destas; elite capitalista local; e ‘burguesia estatal”, provocando e intensificando a desigualdade social através da redução de “custos” e de “direitos” para atender ao “desenvolvimento assente no econômico e na competitividade em nível global” (WANDERLEY, 2003, p. 227-228).

A “globalização política” se expressa na restrição da autonomia dos Estados que estão na periferia do sistema mundial: “enquanto unidade privilegiada de iniciativa econômica, social e política” (SANTOS, 2002, p. 36). Esses estados perdem sua centralidade tradicional. A soberania dos Estados passa a ser ameaçada pelas organizações financeiras internacionais (FMI, Banco Mundial etc.) e também pelas empresas. Fala-se em “Estado global” e aparecem inúmeras formas de exercer esse controle e de expressar uma “institucionalidade transnacional” como tratados internacionais, articulação de uniões regionais (União Européia) e a recente instalação do Tribunal Penal Mundial (WANDERLEY, 2003, p. 228).

⁵ Para análise do processo do neoliberalismo, numa perspectiva teológica (cf. COMBLIN, 2000, p. 66 e 69).

Mas sobre esse aspecto “político”, não se deve analisar a globalização apenas como perda do poder local e transferência para a “arena global”. Esse fenômeno, segundo Giddens, “não somente puxa para cima, mas também empurra para baixo, criando novas pressões por autonomia local [...] razão do surgimento de identidades culturais locais em várias partes do mundo [...] Nacionalismos locais brotam como uma resposta [...]” (GIDDENS, 2002, p. 23). É importante chamar a atenção aqui para o surgimento da associação entre posturas nacionalistas e fundamentalistas (por exemplo: o conflito entre Índia e Paquistão, os conflitos na Bósnia).

Finalmente, a “globalização cultural” tem um significado fundamental em relação às outras pela sua capacidade de preparar e consolidar o processo. Esse processo de globalização cultural é seletivo e dissemina os valores e a visão de mundo que interessam à economia, transformando a cultura em mercadoria.

Num sentido abrangente de cultura, esse processo produz forte impacto também religioso. Há uma “globalização religiosa” que também pode ser lida positiva ou negativamente. Como afirma um dos títulos de artigo de Leonardo Boff, o mercado transformou a religião em grande negócio e a religião descobriu no mercado uma maneira de sobreviver e se expandir: “O mercado e a religião da mercadoria” (BOFF, 1992, p. 3-9). Nesse aspecto, Reginaldo Prandi diz que está surgindo uma nova configuração da sociedade com a conseqüente mudança na religião. Muda-se o espaço e com isso a articulação da religião:

Ela passa a ser sem fronteiras e sem território, sem ser contudo universal e única, como o catolicismo, o protestantismo clássico e o Islão. Depende das forças mercantis da oferta e da procura, devendo adaptar-se a novas situações e novas demandas. Reage às suas concorrentes lançando mão da propaganda e dos meios eletrônicos de comunicação, simplificando sua linguagem em função de um limitado número de “produtos” religiosos cuja propalada eficácia é o atrativo dos neodevotos que arrebatam a massa. [...] A religião se esparrama e se fragmenta, perde sua origem, que deve ser refeita a cada nova demanda, ganha espaços e mercado. É agora uma das infindáveis religiões do mundo, onde tudo se sabe e onde tudo se consome, se vende e se compra. É, enfim, a religião do mercado sem fronteiras. (PRANDI, 1999, p. 70)

A globalização, sob esse ponto de vista religioso, pode ser analisada nessa lógica da “oferta e procura”, mas também a partir de suas próprias concepções e doutrinas. Uma delas, que não será desenvolvida neste trabalho, é pensá-las a partir de suas concepções de Deus: como a trindade cristã, monoteísmo judaico e islâmico e os politeísmos.⁶

⁶ Para um estudo importante sobre a globalização e os monoteísmos judaico, islâmico e cristão, cf. Ibarrondo (2004).

Encontra-se, ainda, uma outra face da globalização, como “ideologia”, e um novo conceito surge: o “globalismo”. Segundo Beck, globalismo é a ideologia da globalização, do mercado mundial neoliberal, da substituição da política e de todas as outras instâncias (cultura, sociedade civil, ecologia, religião) pelo *logos* mercadológico (BECK, 1999, p. 27-28). Porém, é possível descobrir uma perspectiva positiva nesse fenômeno da globalização: cresce a consciência do diálogo inter-religioso, vicejam encontros inter-religiosos, surgem manifestações pela paz e movimentos de luta contra a deterioração ambiental e de integração, nascidos sob inspiração religiosa, a favor de uma ética global (KÜNG, 1993; KÜNG, 1999).

Ainda nessa perspectiva “cultural”, podem ser destacados dois problemas, dois “nós” da globalização: o favorecimento do “desenraizamento” e a “crença no relativo” (PACE, 1999, p. 29; GEERTZ, 1973). Ela leva à perda de identidade, seja pela comunicação que conecta tudo e liga a todos, seja pela facilidade do trânsito e mobilidade dos povos em busca de sua sobrevivência. Esse “desenraizamento” provoca a instabilidade “das imagens” do mundo, levando à sensação do “relativismo moral e cognitivo que se costuma atribuir à modernidade” (PACE, 1999, p. 29; MICHEL, 1994).⁷ Perda de sentido, da tradição, dos valores surge da globalização cultural. Por outro lado, como na crise das imagens de mundo vivida pelos gregos que, navegando conheceram outras culturas, pode surgir o enriquecimento das tradições, dos valores e a produção de novos sentidos. Giddens afirma que é um mito pensar que “a tradição é impermeável à mudança”. Para ele, a idéia de tradição é nova, um “produto dos últimos duzentos anos na Europa. [...] As tradições evoluem ao longo do tempo [...]” (GIDDENS, 2002, p. 50-51).

Depois dessa “fenomenologia” dos conceitos é necessário verificar como a teologia utiliza a categoria globalização, como ela se apropria desse conceito e também justificar sua pertinência nesse campo de pesquisa.

Globalização e teologia

Observa-se que há uma imprecisão conceitual na utilização da categoria globalização por alguns teólogos. Ela aparece como sinônimo de mundialização, é compreendida como categoria englobante e complexa, ou ainda de forma confusa e sem a explicitação de seus sentidos.

O exemplo de dois autores mostra essa realidade. O teólogo Antonio González diz que um “dos termos mais freqüentemente usados para descrever

⁷ Cf. também Berger; Luckmann, 2004, p. 37-51.

o mundo atual é ‘mundialização’ ou ‘globalização’” (GONZÁLEZ, 2003, p. 19). Outro caso pode ser encontrado em Claude Geffré, autor significativo para a Teologia do Pluralismo Religioso (TdPR). Ele usa os dois conceitos sem precisar seus significados:

o desafio presente na Igreja é, por sua vez, o da mundialização e de um pluralismo religioso aparentemente insuperável. [...] O fenômeno da mundialização, que coincide com a idade planetária da humanidade, permanece profundamente ambíguo. Em uma primeira aproximação destacaria os efeitos benéficos desta globalização, que tem favorecido a extensão à escala mundial de uma certa razão científica e técnica [...]. Daí o duplo risco da mundialização: é, por sua vez, um processo de globalização que tende a sacrificar as identidades antropológicas, culturais e religiosas, e, por reação, um fenômeno de fragmentação [...]. (GEFFRÉ, 2001, p. 84-85)

Em outro artigo, Geffré diz: “O processo de mundialização afeta hoje mais do que nunca a todo o mundo e a todas as sociedades. [...] graças a uma rede de comunicação midiática cada vez mais eficaz, é a ordem mundial do livre mercado o verdadeiro motor escondido da globalização” (GEFFRÉ, 1998, p. 53). E poderiam ser citados ainda diversos outros exemplos, mas estes são suficientes para demonstrar a imprecisão conceitual.⁸

Além desta indefinição terminológica há resistências. Um exemplo de resistência ao conceito globalização pode ser encontrado em alguns autores como José Maria Vigil (teólogo da libertação e que tem buscado fazer articulação entre TdL e TdPR) ou em John Galtung. No Curso Popular sobre Pluralismo Religioso, organizado por Vigil no site da Revista Eletrônica RELat, identifica-se a globalização com o sistema neoliberal: “é melhor que recordemos seu sentido original, que não é mais que o nome que o neoliberalismo tem dado a seu próprio processo de expansão [...]”.⁹ Idéia semelhante aparece num dos títulos de artigos da Agenda Latino-americana de 2002, escrito por Galtung: “Chamam-na globalização... porém é norte-americanização” (GALTUNG, 2002, p. 169).

Há, portanto, imprecisão em relação ao fenômeno e resistência ideológica ao conceito globalização, especialmente, por compreendê-lo redutivamente em sua identificação com processos econômicos (neoliberalismo) ou geopolíticos (“norte-americanização”). Mas como o objetivo desta reflexão visa, especialmente, discutir o impacto da globalização para a teologia – e como as teologias da Libertação e do Pluralismo Religioso reagem a ele – é necessário

⁸ Cf. também a posição de outro teólogo, Gregório Iriarte (1998, p. 30). Ele diz: “O termo ‘globalização’ procura [...]. Se analisarmos friamente o processo de mundialização [...]”, p. 30. Verifica-se aqui, mais uma vez, como esses conceitos são trabalhados como sinônimos.

⁹ Cf. Vigil, Curso popular sobre pluralismo religioso. *Unidad didáctica 22: Mundialización y religiones* RELat. Apostila impressa, p. 1. Originalmente, esse curso esteve no site de Koinonia, mas foi retirado. Esse material foi recentemente publicado pela Paulus: Vigil, 2006.

explicar a razão de se utilizar essa categoria, apesar de certas indefinições e resistências por parte de alguns teólogos, e depois verificar sua apropriação pelos teólogos da TdL e TdPR.

Deve-se destacar que a produção teórica sobre o conceito globalização é enorme e tem crescido muito, fazendo com que ele tenha um grande status na mídia e na linguagem corrente, e também entre diversos teólogos (Libanio, Comblin, Sobrino, Boff, Amaladoss, Moltmann, Faus, Alegre etc.),¹⁰ para expressar esse amplo conjunto de transformações globais. Destacam-se suas dimensões ora econômico-políticas, ora socioculturais (incluindo-se aqui o religioso), a partir das análises nascidas, especialmente, da área das Ciências Sociais. Para a TdL, isso não é novidade, pois ela estruturou seu método começando pelas “mediações socioanalíticas”. Considera-se, então, que é um conceito que serve como “ferramenta” para a compreensão da realidade, em que pese algum uso ideológico. Cabe à reflexão teológica, quando isso ocorre, “desvelar” essa utilização. Sociólogos, economistas, filósofos, cientistas políticos e teólogos respeitáveis avaliam-no como um conceito adequado e plausível. Verifica-se, portanto, que é pertinente o uso dessa categoria em razão de seu sentido plural e amplo, de sua grande utilização acadêmica e até no senso comum, bem como pela riqueza de dimensões que contribuem para a compreensão dessa realidade. Também não se pode esquecer que as distinções apresentadas por Luiz Eduardo Wanderley e os outros autores são bastante elucidativas e realizam a distinção necessária para a delimitação dos fenômenos globalização, mundialização, internacionalização, globalidade e globalismo.

Em sua utilização teológica, observa-se, como já mencionado anteriormente, que a globalização é também considerada como um “conceito bem complexo” (LIBANIO, 2003, p. 147) e “cobre realidades amplas e diversas [...] O termo é, pois, complexo e ambíguo” (SOBRINO, 2001, p. 114). Para compreendê-la, João Batista Libanio afirma que se deve fazer “uma distinção fundamental entre globalização instrumental e teleológica” (LIBANIO, 2003, p. 147).

A “globalização instrumental” se caracteriza pela circulação de informações propiciada pelos avanços das ciências da comunicação e da informação e sua tecnologia. A rede mundial de computadores foi o “toque de Midas” dessa dinâmica. Todos podem estar ligados a tudo e em todos os lugares possíveis, em tempo real, *on line*. A “globalização teleológica”, também chamada de “axiológica”, postula a questão dos valores e “ultrapassa esse âmbito funcional [...] Cria consciência ética mundial. [...] Integra-se no projeto de gerar uma

¹⁰ Cf. número da revista *Concillium* que aborda especialmente o tema da globalização, com a participação de alguns teólogos mencionados aqui (2001, v. 293, n. 5).

sociedade universal consensual. Facilita o pluralismo generalizado. [...] Numa visão negativa, difunde-se por todo o mundo um lixo cultural [...] que destrói valores, culturas [...]” (LIBANIO, 2003, p. 148). Nesta visão de Libanio, encontram-se indicações importantes sobre o impacto da globalização para a TdL e TdPR. A posição “instrumental-teleológica” da globalização procura se situar mais no campo cultural, sem desconhecer que o “interesse econômico, tem predominado nas análises” (LIBANIO, 2003, p. 148).

Noutro importante teólogo – Leonardo Boff – globalização aparece também como expressão ampla de fenômenos muito diversificados: a antropogênese (a construção humana e sua interação com o ambiente em que vive), a ocidentalização do mundo por um modelo de mercado mundial (modelo neoliberal) e pela política dos “Estados-Nações”. Ele compreende ainda que a crise gerada pela situação da “globalização econômico-política”, que atinge diretamente a questão ecológica, tem propiciado uma “nova globalização”: “a nova consciência planetária. Somos co-responsáveis pelo nosso destino comum, do ser humano e da terra.” (ARRUDA; BOFF 2000, p. 28). Em Boff aparece, portanto, essa concepção plural da globalização na linha do que se encontra também em Boaventura Sousa Santos e, especialmente, em Enzo Pace (dimensão objetiva e subjetiva).

Numa linha assim dialética, encontra-se a posição de Amaladoss, que questiona a globalização como “subordinação”, dominação cultural, política ou econômica. Mas esse teólogo diz que ela “pode significar solidariedade e reciprocidade globais num contexto de liberdade democrática e pluralismo” (AMALADOSS, 2001, p. 88).

De outro modo, lendo essa realidade a partir das vítimas, sensibilidade importante da teologia latino-americana, outros comungam com a visão de que a globalização é responsável pela introdução de “graves males no nosso mundo e por isso necessita de redenção” (SOBRINO, 2001, p. 114), ou criticam a “falsa ‘globalização irreal’ que está atualmente em curso: a globalização do dinheiro contra a universalidade do humano” (FAUS, 2001, p. 105).

Visto, portanto, a justificação do uso desta categoria, bem como a apropriação dela pela teologia, entra-se no ponto principal: que impacto a globalização produz para a Teologia da Libertação e para a Teologia do Pluralismo Religioso? E como essas teologias reagem a esse fenômeno?

Teologia da Libertação e teologia do Pluralismo Religioso e globalização

Inicialmente, o impacto da globalização nessas teologias, em razão de suas “contextualidades” não é o mesmo. A TdL nasce de uma indignação ética diante do grito daquele que sofre, que clama por dignidade e justiça e que representa a grande maioria dos povos latino-americanos e também do terceiro mundo. O empobrecimento de pessoas, comunidades e nações, ao lado da concentração de renda, do poder, das benesses tecnológicas, culturais, comunicacionais, é resultado de uma configuração que atinge todas as instâncias apresentadas como “dimensões” da globalização.

Para a TdPR, a globalização produz o encontro dos diferentes, faz crescer a percepção do pluralismo como um fato e, mais ainda, como um princípio. O incremento das relações em todos os âmbitos também provoca, como visto, a mobilidade dos povos, da visão de mundo, dos valores, criando condições para o “desenraizamento” e o questionamento das “identidades”, gerando fechamentos, “fundamentalismos” e atitudes intolerantes, mas também o senso de uma fraternidade universal, a exigência de uma cidadania planetária.

O impacto da globalização é cada vez mais sentido por todos. O mundo se tornou universal e pequeno, uma “aldeia global”. Acompanha-se tudo, em todos os lugares, imediatamente. Assiste-se pela TV ao atentado terrorista e ao processo de resgate; às guerras; aos desastres ecológicos; aos acidentes; às descobertas, às viagens intracorporais e às espaciais. Entrevistam-se as pessoas em toda parte, em tempo real, avaliam-se as reações, medem-se os índices de audiência imediatamente. Cresceu, portanto, enormemente o processo de globalização dos problemas. A realidade se revelou mais complexa do que se supunha. Cresce o desafio em se pensar também na globalização dos horizontes e da esperança. Por isso, o encontro da TdL e da TdPR representa hoje um passo importante para enfrentar esse impacto e oferecer perspectivas.

No âmbito do Cristianismo, o fenômeno da expansão dos “movimentos católicos” trouxe um problema para muitas igrejas particulares por suas características transnacionais e supraterritoriais. As decisões e os projetos não dizem mais respeito à igreja local. São trazidos de fora, universalizáveis sem contextualização. É um típico exemplo da globalização, da mesma forma isto aparece no processo da “volta à grande disciplina” (LIBANIO, 1983). Por outro lado, observam-se reações contrárias: o Conselho Mundial de Igrejas, por exemplo, produz uma presença muito significativa em inúmeros países e arti-

cula novas referências para as igrejas filiadas, colocando em pauta os grandes problemas mundiais. Em seu site, fala-se do apoio às “igrejas trabalhando unidas” e apresentam-se os grandes temas da Justiça, Unidade, Equidade e Diálogo, globaliza-se, assim, o horizonte, as expectativas, as esperanças.¹¹

Um outro exemplo pontual, mas significativo desse impacto gerado pela dinâmica globalizadora: a Igreja Anglicana da Inglaterra (diocese de Oxford) procurava um web-presbítero para ser vigário virtual, respondendo ao problema da baixa frequência litúrgica, pois “apenas 2% dos ingleses vão às missas dominicais”.¹² A paróquia ganha uma dimensão de espaço virtual. Num exemplo católico, surgem prelações pessoais, sem território, como a que foi criada para a Opus Dei.

A globalização, como ideologia – globalismo – é a visão do “mercado mundial, da ideologia do neoliberalismo”, da substituição da política e de todas as outras instâncias (cultura, sociedade civil, ecologia, religião) pelo *logos* mercadológico, ou melhor, pela política do “mercado total” (Cf. BECK, 1999, p. 27-8; cf. também COMBLIN, 2000, p. 66). A Teologia da Libertação centrará sua luta sobre as implicações dessa ideologia na vida das populações latino-americanas, especialmente dos pobres e excluídos.¹³ A posição de Vigil e Galtung, mencionada anteriormente, aqui ganha sentido, como crítica do globalismo, revela a presença dessa posição latino-americana que identifica o fenômeno com a “norte-americanização” do mundo e suas conseqüências trágicas dos novos e diversos âmbitos.

Do ponto de vista econômico, político, social, cultural e também religioso, a globalização promove uma “padronização” empobrecedora, produzindo conseqüências nefastas e profundas: “A ‘aldeia planetária’ tende a converter-se em mercado mundial. De fato, o imperialismo desse tipo de economia do sistema econômico atual é gerador de miséria para três quartas partes da humanidade”, na visão de um teólogo da TdPR (GEFFRÉ, 2001, p. 85). Isso atinge a identidade dos povos, inclusive religiosa, provocando “fragmentação que conduz às crispções identitárias e às rivalidades violentas para a conquista do poder econômico e político” (GEFFRÉ, 2001, p. 85). Não é outra coisa o que ocorre hoje com o Islã, expresso em atitudes de diversos e pequenos grupos terroristas, mas que encontram respaldo em parte da população, pois eles representam um sinal de negação e resistência ao modelo de globalização imposto, à ideologia do

¹¹ Cf. o site do CONSELHO Mundial de Igrejas. Disponível em <<http://www.wcc-coe.org/wcc/espanol.html>>. Acesso em 16 mar.2004.

¹² Cf. IGREJA Anglicana abre paróquia virtual. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 mar. 2004, Folha Online, Caderno Informática. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u15380.shtml>>. Acesso 16 de mar.2004.

¹³ Na vasta bibliografia sobre esse tema, pode-se mencionar algumas obras: Gutiérrez, 1981; Gutiérrez, 1980; Gutiérrez, 2000; Boff, 1984; Frago, 2003; Barreiro, 1977; Barreiro, 1983; Neutzling, 1986; Richard, 1989.

globalismo. Aqui se antevê que libertação e diálogo inter-religioso podem estar articulados e podem cumprir um papel fundamental.

Na América Latina, há décadas se luta contra essa situação. Os nomes mudaram – imperialismo, trilateral, neoliberalismo – mas o fenômeno apenas se recicla e continua fazendo vítimas. A reação a ele toca o centro da experiência cristã: a defesa da dignidade de toda a vida. Mas se essa ideologia pode também produzir a intolerância, cresce a urgência de uma transformação dos horizontes de compreensão para que a convivência seja possível e promotora de diálogo, paz e justiça.

Se há a irreversibilidade da globalidade, porém, isso não se aplica ao globalismo como esse tipo de ideologia descrita acima. Este pode e tem sido combatido, pois é fenômeno construído com intencionalidade clara e ativa. A partir dos países periféricos, diversas ações têm sido articuladas de enfrentamento desse globalismo, por exemplo, o Fórum Social Mundial, um dos espaços privilegiados para pensar, questionar e agir contra esse processo. A globalização vista, portanto, como ação política e ideológica, em todas as suas dimensões, não é “um processo de teor natural, mas se trata de uma política de globalização, delineada originalmente no espaço principalmente norte-americano, difundida nos meios acadêmicos e potencializada pela mídia, estendida para o planeta, com orientações precisas conduzidas por dirigentes empresariais, políticos, tecnocratas [...]” (WANDERLEY, 2003, p. 233). O cientista social concorda com o teólogo (Wanderley e Vigil). É uma construção política que age como ideologia. Não é um processo natural, é um empreendimento histórico-político. Promove mudanças significativas, impactantes e leva a diversas reações, de modo especial da teologia, tanto latino-americana quanto dos demais países do terceiro mundo.

A pobreza e a percepção do pluralismo aparecem como fenômenos que se globalizam, mas que são frutos, igualmente, da “intencionalidade globalizada”, dessa ação política. Cresce o empobrecimento mundial, indicando que há maior concentração das riquezas numa minoria que, além disto, consome mais e produz maior devastação das riquezas naturais, sem falar das atitudes beligerantes. O intercâmbio da comunicação e a proximidade das distâncias colocam frente a frente, e muitas vezes em confronto, as pessoas, as comunidades, as culturas, as religiões. O outro aparece como “alteridade” ameaçadora: a “proximidade produz conflitos, mas também faz descobrir os segredos do outro” (PACE, 1999, p. 29), tanto positiva quanto negativamente.

Relatório da ONU, em parceria com a OIT (Organização Internacional do Trabalho) aponta para essa situação de concentração de renda e aumento

da desigualdade entre os países nos últimos 10 anos: um grupo restrito de países, que juntos têm apenas 14% da população mundial, concentra metade do comércio global. Comparando-se a renda *per capita* dos países, entre 2002 e os primeiros anos da década de 60, nota-se ainda maior concentração: a renda dos mais pobres passou de US\$ 212 para US\$ 267 (aumento de 26%) e a dos mais ricos, de US\$ 11.417 para US\$ 32.339, ou seja, um crescimento de 183,3% (BETTO, 2004).¹⁴

Em relação ao empobrecimento, portanto, constata-se que a riqueza dos países mais ricos, nos últimos 25 anos, aumentou de forma muito significativa e igualmente aumentou a miséria dos mais pobres. A riqueza global cresceu 10 vezes diante de uma população que apenas duplicou. Segundo o Banco Mundial (1992), esse aumento apropriado pelos países mais ricos foi de 4% (de 68% para 72% da apropriação da riqueza global), sendo que sua população diminuiu (de 30% para 23%). Entre os 20% mais ricos da população constatou-se um aumento significativo da concentração da riqueza: de 72% para 83%, ou seja, 11%. Já entre os 20% mais pobres houve queda e não aumento: caiu a concentração de 2,3% para 1,4%, observando-se que, diferentemente dos ricos, essa população não deixou de crescer (ARRUDA; BOFF, 2000, p. 12).¹⁵

No Brasil, segundo o Atlas da exclusão social (POCHMANN, 2004), o índice da exclusão cresceu de 42,6% (em 1980) para 47,3% (ano 2000). É escandaloso saber que apenas 2,4% da população – correspondendo a 1.162.000 de famílias – detêm 75% do PIB brasileiro, sendo que 5.000 dessas famílias sozinhas controlam 45% desse PIB.¹⁶ Por outro lado, a renda mensal de 33% da população ficou abaixo de R\$ 79,00, de acordo com o Mapa do Fim da Fome II.¹⁷

A Teologia da Libertação (TdL) reage a esse processo de globalização. Leonardo Boff diz que a teologia latino-americana não cessou e nunca deixou de denunciar o processo concentrador da globalização econômica, como “profundamente anti-social” e “vitimatório”. Porém, ele não faz uma condenação *in totum* do processo de mercado, mas o faz ao modelo neoliberal que não

¹⁴ Frei Betto, afirma, a partir de um relatório da ONU-OIT, divulgado em 24 de fevereiro de 2004, que a diferença “entre os países ricos e pobres aumentou desde o início dos anos 90. Um pequeno grupo de nações, que abriga apenas 14% da população mundial, domina metade do comércio internacional. No início dos anos 60, a renda *per capita* das nações mais pobres era de US\$ 212; a dos mais ricos, US\$ 11.417. Em 2002 a renda dos pobres havia crescido 26%, passando a US\$ 267, enquanto a dos ricos cresceu 183,3%, atingindo o patamar de US\$32.339” (BETTO, 2004).

¹⁵ Esses dados se referem ao Relatório do Desenvolvimento Humano de 1992, PNUD, do Banco Mundial.

¹⁶ O Atlas da Exclusão Social no Brasil – v. 2 foi elaborado pela USP, UniCamp e PUC SP. Pode-se ter uma síntese dos resultados principais em: Fatema, **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 de abril de 2004, Folha Online Dinheiro. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u82697.shtml>>. Acesso em: 15 abril 2004.

¹⁷ O Mapa do fim da fome II é feito pela Fundação Getúlio Vargas, o Sesc-Rio, Banco Rio de Alimentos e a Ação Cidadania contra a Fome e a Miséria, pela Vida (cf. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Mapa do fim da fome II. Disponível em <<http://www.fgv.br/cps/MapaFimFomeII/inicio.htm>>. Acesso em: 29 nov. 2006. Cf. também reportagem do **Jornal de Opinião**. Novos pobres, Belo Horizonte, n. 780, 10 a 16 de maio de 2004, p. 10.

atende às necessidades humanas, mas sim às suas próprias demandas, vitimando “as grandes maiorias da humanidade” (ARRUDA; BOFF, 2000, p. 31). A TdL critica também a “globalização política e cultural” pela “homogeneização mediante a generalização dos valores políticos e culturais do Ocidente, que no cômputo global da *historia mundi* é mais e mais um acidente” (ARRUDA; BOFF, 2000, p. 31).

A globalização gera impacto e reação também da TdPR. Essa teologia se tornou possível, principalmente, a partir do incremento das relações entre as culturas, colocando problemas não formulados até então. Numa sociedade hegemonicamente católica ou cristã não se colocava o problema das outras religiões. O pluralismo de fato, expresso pelo encontro das diferenças e o incremento das relações, levou a reflexão teológica a postular um pluralismo de princípio (DUPUIS, 1999, p. 26; GEFFRÉ, 1993, p. 351-369). De um lado, encontra-se a tarefa, o desafio de ampliar o horizonte teológico para a compreensão do mistério salvífico, de outro, enfrentar os problemas, as resistências, fechamentos e os grandes problemas mundiais.

O fenômeno da “globalização cultural” ao apresentar a realidade como plural provocou uma crise, questionou o “monopólio religioso” de muitas tradições. Essa crise trouxe um problema: fica “cada vez mais difícil manter ou construir novamente estruturas de plausibilidade viáveis para a religião.” (BERGER, 1985, p. 162). O “desenvolvimento global”, segundo Berger, produz insegurança em alto grau “tanto na ação individual quanto na orientação geral da vida” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 43).

Uma forma religiosa atingida por esse processo de mudança reage se fechando, quase que inevitavelmente. Essa reação é resistência à “contaminação cognitiva” ocasionada pelo novo, o diferente, o pluralismo desestabilizador da objetivação religiosa e social. A identidade questionada se defende, fechando-se, reforçando as expressões simbólicas e rituais que a garantem: “todo grupo que deseja proteger-se das conseqüências da pluralização dever erguer seu próprio ‘muro da lei’” (referência ao judaísmo rabínico e à sobrevivência da comunidade judaica num contexto cristão ou islâmico) (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 49).¹⁸ Mas podem também servir para aprendizagem, mudança, abertura e transformação, apesar de não ser a reação mais comum e imediata. O desafio é que “Devemos aprender a apreender o que não podemos abraçar [...] precisamos tornar-nos capazes de enxergar com largueza” (GEERTZ, 2001, p. 84-85). Aqui se mostra o espaço e o horizonte que tem a TdPR, mas

¹⁸ Para Berger e Luckmann, a modernidade significa um processo de pluralização, tanto quantitativo quanto qualitativo. Esses autores afirmam que o “pluralismo moderno leva a um enorme relativismo dos sistemas de valores e da interpretação” (p. 49-50).

também a sua articulação com a TdL. Amaladoss diz que o “diálogo entre as religiões pode levar à mútua compreensão, enriquecimento e colaboração. Uma globalização assentada em tais fundamentos certamente levará à harmonia cósmica” (AMALADOSS, 2001, p. 96).

Conclusão

A articulação entre TdL e TdPR, na perspectiva latino-americana, tomando-se como referência a crítica à globalização como certo tipo de ideologia, como globalismo, pode ser antevista em diversos autores. Aqui se destaca o pensamento de Leonardo Boff. Sua proposta é propiciar solidariedade e apoio entre as sociedades: o “desafio é apoiarmos sociedades multiculturais e multi-religiosas, respeitando as várias formas de organização social e política, embasadas nas respectivas culturas (através da) participação, a busca da igualdade, o respeito da diferença e o incentivo da comunhão entre as subjetividades humanas” (ARRUDA; BOFF, 2000, p. 31-32). Tal encontro e articulação são fundamentais.

Leonardo Boff se refere, assim, a uma outra globalização, uma “globalização espiritual”, fundada numa espiritualidade ecológica. Vivemos na mesma pátria comum – a Terra, vivendo os mesmos problemas globalizados e podendo ter os mesmos horizontes de libertação. Devem-se resgatar as tradições espirituais dos povos e culturas oprimidas, especialmente de todos os pobres. Mas o que se visa é libertar todos os seres humanos, a partir daqueles que mais sofrem. É preciso nova atitude que permita “nova experiência de Deus no universo que supere os famosos dualismos (...) um cristianismo que rompe suas alianças com os poderes deste mundo, relativiza sua encarnação na cultura ocidental e assuma a causa dos condenados da terra – que são hoje 2/3 da humanidade (...)” (ARRUDA; BOFF, 2000, p. 32). Percebe-se aqui que pluralismo e empobrecimento se encontram como processo libertador-dialogal.

Numa trílogia lançada recentemente (2005 e 2006) – “Virtudes para um outro mundo possível” – Leonardo Boff lança a pergunta: “Que virtudes são minimamente necessárias para garantir um rosto humano à globalização?” (BOFF, 2005, p. 9). Sua proposta revela-se verdadeira articulação teológica entre a TdL e TdPR. Partindo da situação de crise em que vive a sociedade mundial, ele considera que esse momento é oportuno para se construir algo novo, uma mudança de cosmovisão: “a construção de uma geossociedade humana una em sua substância e diferente em suas manifestações” (BOFF, 2005, p. 9).

A primeira dessas virtudes, condição básica da convivência, do diálogo e de qualquer atitude fundamental num mundo globalizado, é a hospitalidade. Boff apresenta rica reflexão sobre “atitudes e comportamentos” e sobre “políticas possíveis” de hospitalidade. Entre as atitudes encontramos: a boa vontade incondicional, a acolhida generosa, a escuta atenta, o diálogo franco, a negociação honesta, a renúncia desinteressada, a responsabilidade consciente, a relativização corajosa e a transfiguração inteligente. Com uma nova consciência coletiva, na perspectiva “planetária”, a cultura da paz poderá se consolidar. As políticas possíveis, e são possíveis para não se cair num idealismo inconseqüente, indicam condições sobre como a hospitalidade pode ser exercida: a justiça mínima em todos os níveis, os direitos humanos a partir das maiorias, a Democracia aberta e perfectível e a Interculturação. Para Boff, a “hospitalidade congrega assim o humano e o divino e pode garantir o fundamento para uma convivência minimamente terna e fraterna de todos dentro da mesma Casa comum, o planeta Terra” (BOFF, 2005, p. 199).

Mas só a hospitalidade não garante a convivência, esta precisa do respeito e da tolerância. Não existe respeito se não forem atendidas, segundo Leonardo, algumas condições fundamentais: o reconhecimento do outro; o respeito incondicional à consciência; o respeito à laicidade do Estado; e o valor intrínseco de cada ser. E a tolerância se articula com o respeito, pois ela surge da convivência entre diversos, entre diferentes, entre dinâmicas complexas. Por isso a tolerância é entendida como “a capacidade de manter, positivamente, a coexistência difícil e tensa dos dois pólos, sabendo que eles se opõem, mas que compõem a mesma e única realidade” (BOFF, 2006, p. 79).

Há a tolerância passiva – indiferença, comodidade – e a tolerância ativa, em diversos níveis. Também existem os limites da tolerância. Deve-se tolerar o sofrimento do outro, a miséria, a fome, as injustiças, o empobrecimento, a indignidade, a destruição do planeta? Devemos ser tolerantes diante da violência, do fundamentalismo e do terrorismo? São questões desafiadoras e que precisam ser enfrentadas.

Na perspectiva teológica – da TdL e da TdPR – a globalização como realidade impactante e que provoca reações faz surgir uma consciência: “Não haverá paz entre as nações se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver, se não houver um *ethos* mundial, uma ética para o mundo inteiro” (KÜNG, 2004, p. 17).

O diálogo, a convivência e a tolerância ativa e inter-religiosa revelam, além da capacidade de abertura do ser humano, a “riqueza do único e mesmo Mistério Fontal” de onde brota a vida: Deus-Amor. O encontro entre Hospitalidade, Convivência, Respeito e Tolerância e sua articulação efetiva deve produzir a paz: “anseio maior da humanidade atual” neste mundo globalizado. E paz e comensalidade são as virtudes que completam a trilogia de Boff. Paz que significa, na feliz expressão da Carta da Terra, “a plenitude que resulta das corretas relações consigo mesmo, com outras pessoas, com outras culturas, com outras vidas, com a Terra e com o Todo maior do qual somos parte” (BOFF, 2006a, p. 126). E a comensalidade – “comer e beber juntos” – são as condições indispensáveis à vida. E mais da metade da humanidade não tem garantidas essas necessidades básicas. Para que isto aconteça é preciso: o cuidado, o respeito e a reverência, a cooperação, a justiça societária, a solidariedade e a compaixão, a justiça medida e a autocontenção (BOFF, 2006b, p. 49-51).

Mas outro mundo é possível. E há muitos empenhados em sua construção. Um exemplo desta significativa articulação se faz presente através da ASETT (Associação Ecumênica Teológica do Terceiro Mundo). Já é realidade a produção de uma coleção teológica (Tiempo Axial), com oito volumes lançados,¹⁹ articulando a TdL e TdPR. Um dos livretos desta Associação tem o título do Fórum Social Mundial de 2003: “Outro mundo é possível”. O documento propõe uma “reflexão teológica por meio de um diálogo que confrontasse o modelo neoliberal e se propusesse a interagir com quem hoje constrói alternativas à globalização capitalista e forja redes de ação a favor de uma humanidade nova” (ASETT, 2003, p. 5). Aqui se encontra uma prática teológica articuladora: teólogos do terceiro mundo, identificados com a TdL produzindo um texto com a pretensão de “potencializar o debate de uma teologia do Pluralismo Religioso na América Latina e o diálogo para uma futura teologia inter-religiosa da Libertação [...]” (ASETT, 2003, p. 5) que atinja todo o mundo.

Em recente livro, Luiz Carlos Susin organiza outra obra que trabalha o mesmo objetivo: “Teologia para outro mundo possível”. Ele diz que em 2003, uma conversa entre os teólogos Sergio Torres e Leonardo Boff “derivou para a possibilidade de uma conexão entre o Fórum Social Mundial e um fórum de teologias da libertação de forma mundialmente organizada, inserindo-se no novo contexto mundial de sensibilidade ecológica, de pluralismo religioso, de movimentos sociais” (SUSIN, 2006, p. 9). Em sua contribuição nesse livro,

¹⁹ Em português: Damen, 2003; Hick, 2000; Tomita, 2005; Tomita, 2006; 2006. Lançamentos em espanhol: Teixeira, 2005; Moliner, 2006; Tomita, 2006.

Boff fala de duas utopias urgentes e que nascem da crise atual: salvar a Terra e salvar “a unidade da família humana”.

As teologias da Libertação e do Pluralismo Religioso têm buscado responder a esses desafios gerados pela dinâmica globalizadora, criando as condições de libertação em seus múltiplos aspectos, para aqueles e aquelas que sofrem, seja na perspectiva econômica, política, social, cultural, de gênero, de etnia, de raça ou religiosamente. Criam também, ao lado disto, condições de encontro e de diálogo que produzam a globalização da solidariedade e vida digna para todos.

Abstract

Globalization is a challenging phenomenon. The concept presents several meanings and uses. There is a certain conceptual vagueness about globalization, especially in the theological field, other categories being also used with the intention of representing it: mundialization and internationalization. The complexity of those realities brings about concepts such as globality and globalism. How can we understand those phenomena, their dimensions and all those terminologies? And how have some theologians appropriated that reality? This article discusses and defines those various concepts, with basis on some Social Science authors, besides making explicit and justifying the reason for working with globalization in the theological field. It aims mainly at verifying the impact of that phenomenon and the reaction to it in the theologies of Liberation and Religious Pluralism, especially in face of the reality of poverty and religious pluralism. The conclusion points out briefly the articulation between those two theologies so as to present another approach to globalization and to face the main contemporary challenges generated by it.

Key words: Globalization; Mundialization; Internationalization; Globalism; Theology of Liberation; Theology of Religious Pluralism.

Referências

AMALADOSS, Michael. A utopia da família humana: entre as religiões da humanidade. *Concilium*, Petrópolis, v. 293, n. 5, p. 88-96, 2001.

ARRUDA, Marcos; BOFF, Leonardo. *Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSOCIAÇÃO ECUMÊNICA DE TEÓLOGOS DO TERCEIRO MUNDO. *Outro mundo é possível: Fórum Social Mundial 2003 e seus desafios para a ASETT*. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2003.

BARREIRO, Álvaro. *Comunidades eclesiais de base e evangelização dos pobres*. São Paulo: Loyola, 1977.

BARREIRO, Álvaro. *Os pobres e o reino*. São Paulo: Loyola, 1983.

- BECK, Ulrich. **O que é globalização: equívocos do globalismo, respostas à globalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulinas. 1985.
- BETTO, Frei. Fracassa a globalização. América Latina em Movimento. Disponível em <http://www.alainet.org/active/show_text.php3?key=5779>. Acesso em: 24 mar. 2004.
- BOFF, Leonardo. **Do lugar do pobre**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BOFF, Leonardo. O mercado e a religião da mercadoria. *Concilium*, Petrópolis, v. 241, n. 3, 1992.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Petrópolis: Vozes, 2005. v.1: Hospitalidade: direito e dever de todos.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Petrópolis: Vozes, 2006a. v.2: Convivência, respeito & tolerância.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Petrópolis: Vozes, 2006b. v.3: Comer e beber juntos e viver em paz.
- COMBLIN, José. **O neoliberalismo: ideologia dominante na virada do século**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DAMEN, Franz *et al.* **Pelos muitos caminhos de Deus**. Goiânia: Rede, 2003.
- DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- FAUS, José Ignacio González. A utopia da família humana: a universalização do verdadeiramente humano como globalização real. *Concilium*, Petrópolis, v. 293, n. 5, p. 105-13, 2001.
- FUTEMA, Fabiana. Em 20 anos de crise econômica Brasil duplicou número de ricos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 abr. 2004. Caderno Dinheiro. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u82697.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2004.
- FRAGOSO, Dom Antônio *et al.* **A esperança dos pobres vive: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin**. São Paulo: Paulus, 2003.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Mapa do fim da Fome II**. Disponível em <<http://www.fgv.br/cps/MapaFimFomeII/inicio.htm>>. Acesso em: 29 nov. 2006.
- GALTUNG, John. **Agenda Latinoamericana**, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- GEFFRÉ, Claude. La singularité du christianisme à l'âge du pluralisme religieux. In: DORÉ, J.; THEOBALD, C. (Ed.). *Penser la foi*. Paris: CERF, 1993. p. 351-369.
- GEFFRÉ, Claude. Pour un christianisme mondial. *Recherches de Science Religieuse*, n. 86, p. 53-75, 1998.
- GEFFRÉ, Claude. Pluralismo religioso e indiferentismo. *Selecciones de Teología*, v. 40, n. 158, p. 83-98, abril-junio, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrol*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GONZÁLEZ, Antonio. *Reinado de Dios e imperio*. Santander: Sal Terrae, 2003.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo*. São Paulo: Paulus, 2000.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Pobres e a libertação em Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- IBARRONDO, Xavier Pikaza. *Monoteísmo e globalização*. Moisés, Jesus, Muhammad. Petrópolis: Vozes, 2004.
- IGREJA Anglicana abre paróquia virtual. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 mar. 2004. Caderno Informática. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u15380.shtml>>. Acesso 16 mar. 2004.
- IRIARTE, Gregório. Globalização: um grande desafio para a ética cristã. In: FUNDAÇÃO AMERÍNDIA (Org.). *Globalizar a esperança*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 25-40.
- HICK, John. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KÜNG, Hans. *Religiões do mundo. Em busca dos pontos comuns*. Campinas: Verus, 2004.
- NOVOS pobres. *Jornal de Opinião*, Belo Horizonte, n. 780, p. 10, 10 a 16 de maio 2004.
- LIBANIO, João Batista. *A volta à grande disciplina*. São Paulo: Loyola, 1983.
- LIBANIO, João Batista. *Olhando para o futuro*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MICHEL, Patrick. *Religion et politique: la grande mutation*. Paris: Albin Michel, 1994.
- MOLINER, Alberto (Org.). *Pluralismo religioso y sufrimiento ecohumano: La contribución de Paul F. Knitter al diálogo interreligioso*. Quito: Abya Yala, 2006.

MORIN, Edgar. As duas globalizações: comunicação e complexidade. In: SILVA, Juremir Machado da (Org.). **As duas globalizações**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 39-59.

NEUTZLING, Ignácio. **O reino de Deus e os pobres**. São Paulo: Loyola, 1986.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Desafios éticos da globalização**. São Paulo: Paulinas, 2001.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Globalização, ética e justiça. In: SANCHEZ, Wagner Lopes. **Cristianismo na América Latina e no Caribe: trajetórias, diagnósticos, prospectivas**. São Paulo: Paulinas, 2003.

PACE, Enzo. Religião e globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). **Globalização e religião**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 25-42.

PERROT, Etienne. Ambigüidades da globalização. **Concilium**, Petrópolis, v. 293, n. 5, p. 14-23, 2001.

PETRELLA, Ricardo. A urgência de um contrato social mundial face aos desafios da mundialização atual: para além das lógicas bélicas. In: OSOWSKI, Cecília; MÉLO, José Luiz Bica de. **O ensino social da Igreja a globalização**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

POCHMANN, Márcio (Coord.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2004. v.2.

RICHARD, Pablo. **A força espiritual da igreja dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1989.

SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). **Cristianismo na América Latina e no Caribe**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SOBRINO, Jon. Redenção da globalização: As vítimas. **Concilium**, Petrópolis, v. 293, n. 5, 2001.

SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Teologia para outro mundo possível**. São Paulo: Paulinas, 2006.

TEIXEIRA, Faustino. **Teología de las religiones: una visión panorámica**. Quito: Abya Yala, 2005.

TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (Org.). **Pluralismo e libertação**. São Paulo: Loyola, 2005.

TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria. **Teologia latino-americana pluralista da libertação**. São Paulo: Paulinas, 2006.

TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria. **Teología pluralista intercontinental**. Quito: Abya Yala, 2006.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Religião e modernidade filosófica. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 18, n. 53, p. 147-65, 1991.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia III: filosofia e cultura*. São Paulo: Loyola, 1997.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

VELHO, Otávio. Globalização: antropologia e religião. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). *Globalização e religião*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 43-61.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulus, 2006.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. Globalização, religiões, justiça social: metamorfoses e desafios. In: SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2003.